

# **Papai é homem ou mulher?**

## **Questões sobre a parentalidade transgênero no Canadá e a homoparentalidade no Brasil**

Érica Renata de Souza

*Universidade Federal de Minas Gerais*

RESUMO: Neste artigo apresento uma discussão sobre a categoria transgênero, em especial no contexto canadense, a fim de problematizar a questão da parentalidade transgênero no Canadá e da parentalidade de travestis e transexuais no Brasil. Com base nos dados de campo, o foco está nos transgêneros canadenses que lidam com os constrangimentos sociais e culturais para as suas manifestações afetivas, familiares, parentais e sexuais, analisando essas práticas num diálogo com o cenário brasileiro no que se refere à homoparentalidade. Questiono em que medida não seria relevante também, no Brasil, tanto do ponto de vista acadêmico quanto político, possibilitar a existência discursiva das parentalidades transexual e travesti para além da homoparentalidade. Por fim, analiso as concepções de paternidade que perpassam essas práticas, buscando compreender em que medida elas reconfiguram as representações do pensamento ocidental ao performatizarem a parentalidade na sua relação com o gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Transgêneros, transexuais, travestis, parentalidade, maternidade, paternidade.

Durante minha pesquisa de campo no Canadá sobre as relações entre maternidade e homossexualidade<sup>1</sup>, deparei-me com sujeitos que me trouxeram outra questão: as relações entre paternidade e *transgenderism*<sup>2</sup>. Ainda que não fosse o foco da pesquisa, estava incluída em minhas in-

quietações sobre a parentalidade em relações não convencionais, no que se referia à gênero e sexualidade. Neste sentido, esse artigo é parte revisada e alterada da minha Tese de Doutorado (Souza, 2005), retomando e desenvolvendo essa questão que o campo me trouxe, e que ainda carece de problematização.

### **Transgêneros: que termo “guarda-chuva” é este?**

Desde o *VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas*, em 1995, a categoria travesti foi incluída no nome dos encontros seguintes, ao mesmo tempo em que foi fundada, em Assembleia Geral, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). Porém, antes deste evento, “travestis e liberados” já haviam se organizado em dois encontros. Durante o *IX Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis*, essa nova identidade política representava ainda apenas 1% dos presentes no encontro (Facchini, 2003). Em 1999, o termo “travesti” foi substituído na sigla GLBT<sup>3</sup> por “transgênero”. Entretanto, durante o *II Encontro Paulista GLBT*, em agosto de 2004, foi novamente aprovada a separação entre “travestis” e “transexuais” no Estado de São Paulo, a fim de visibilizar as diferenças entre essas duas categorias, bem como entre suas distintas demandas. Vencato (2003) mostra-nos com muita clareza como, no Brasil, travestis, transexuais e *drag queens* tinham suas especificidades e diferenciadas trajetórias diluídas dentro da categoria transgênero, além dos aspectos hierárquicos que os definiam.

No Canadá, durante a pesquisa de campo, pude perceber que o termo “transgênero” (*transgender umbrella*) referia-se a qualquer manifestação não convencional do sistema sexo/gênero, como andrógenos, por exemplo. Contudo, via de regra, englobava travestis, transexuais, intersexuais, *two-spirited*<sup>4</sup>, *crossdressers* e *drag queens*<sup>5</sup>, mas sem desconsiderar outras

possibilidades. Cabe aqui esclarecer que os transexuais ainda se dividiam em “pré-operados” (*pre-op*) e “pós-operados”. No entanto, havia transgêneros que, mesmo após a cirurgia de redesignação de sexo, não se autoidentificam como transexuais. Nesse sentido, a categoria transgênero se configura como um guarda-chuva para a diversidade de possibilidades, inclusive para aqueles que não se sentiam à vontade para se identificar com as categorias abarcadas pelo guarda-chuva do *transgenderism*. No entanto, essa concepção coexiste com definições das categorias que engloba. No discurso dos entrevistados, a categoria travesti referia-se àqueles que se travestem com regularidade, sem intervenção cirúrgica (implantes de silicone, cirurgia de mudança de sexo) ou hormonal. Transexuais eram aqueles que tinham seus corpos alterados pela cirurgia ou pela ingestão de hormônios femininos sintéticos e também se travestiam com regularidade. Os transexuais pré-operados eram aqueles que não queriam se submeter ou ainda não haviam se submetido à cirurgia de mudança de sexo. Dentro da subcategoria pré-operados, sabemos que também há de “não operados” (*non-op*) para os que decidem não se submeter à cirurgia, mas esta não apareceu no discurso dos meus entrevistados, que a incluíam em “pré-operados”. Os *crossdressers* eram os que se travestiam eventualmente, sem intervenção cirúrgica ou hormonal. As *drag queens* representavam o grupo que se travestia eventualmente, sem intervenção cirúrgica ou hormonal, mas diferenciavam-se dos *crossdressers* por sua intenção deliberada de exagero e teatralidade na performance do feminino. Os intersexuais constituíam o grupo daqueles que, em proporções e tipos variados, nascem com os dois órgãos sexuais. Contudo, nas relações e práticas cotidianas dos chamados transgêneros, essas subcategorias ganham o status de categorias.

Os transgêneros (ressalvadas as suas particularidades) desestabilizam a matriz heterossexual (Butler, 2008) que pressupõe a coerência entre sexo, gênero e sexualidade. Provocam “desordens de gênero” não inte-

ligíveis para a lógica da matriz heterossexual e, como bem nos lembra Vencato (2003), até mesmo para os homossexuais. Nesse sentido, há uma tentativa de “generalização” de uma categoria, que englobe todas as manifestações produtoras dessa “desordem”. Contudo, se não há fixidez da categoria transgênero, tampouco há nas suas diversas manifestações. Vencato (2003) discute essa questão também no contexto brasileiro:

Além disso, é comum entre esses sujeitos que façam referências a si mesmos de modo diverso em diferentes momentos, ou seja, que possam se autorreferir como travestis, transexuais ou mulheres, em contextos diferentes. Isso implica numa construção de identidade raramente centrada em categorias estanques e extremamente pautada no que se poderia chamar de negociação constante de sentidos. Como sujeitos de sua própria transformação, esses sujeitos acabam manipulando com alguma destreza sua identidade, talvez para lidar melhor com os preconceitos que lhes atingem (Idem, pp. 204-205).

Contudo, outra questão nessa problemática tentativa de generalizar essas diversas manifestações diz respeito à associação entre transgêneros e homossexualidade. Nesse sentido, o pertencimento dos transgêneros dentro do “movimento homossexual” é questionável, já que a luta dos transgêneros é travada com base em significados e manifestações perpassadas pela questão da homossexualidade, a qual, no entanto, não é o seu vetor e nem uma questão comum a todos os transgêneros. Dessa forma, assim como Rubin (1984) sugere que a sexualidade deveria ter sua própria política radical para além da tutela do feminismo, os transgêneros também não têm seus interesses contemplados pelo movimento LGBT, uma vez que suas orientações sexuais podem variar e não é a sexualidade que os identifica como transgêneros. Contudo, nota-se uma associação entre o fenômeno transgênero e a homossexualidade, que apresenta um

discurso essencialista e redutor de significados e práticas de transexuais, travestis e *drag queens* à questão da homossexualidade, apesar da diversidade no que se refere às suas práticas sexuais. No Brasil, essa discussão, no que concerne a travestis e transexuais, já é bastante conhecida e debatida, mas cito, por exemplo, os trabalhos de Vencato (2003), Pelúcio (2004) e Cardozo (2006a).

No Canadá, o campo me levou ao dado de que a aceitação da sua orientação sexual torna-se uma questão secundária, já que os transgêneros *MtoF* (*male to female*, masculino para feminino) apresentavam orientações sexuais diversas e esse fato não era ignorado pela comunidade LGBT. Tive contato transgêneros *MtoF* que se relacionam com mulheres, outros com homens e outros com transgêneros. O mesmo ocorria com os transgêneros *FtoM* (*female to male*). Esses transgêneros, dentro da sigla LGBT, “encaixavam-se” na categoria de “transexuais”. No entanto, na prática, havia deslocamentos para outras categorias quando o assunto era a orientação sexual. Por exemplo, Transgêneros *MtoF* que se relacionam tanto com homens quanto com mulheres, frequentam grupos de apoio para mulheres bissexuais.

Segundo a transgênero *MtoF* Micheline Montreuil<sup>6</sup>, advogada, dentro do movimento LGBT canadense, os transexuais constituíam a mais marginalizada das categorias, ainda muito carente na conquista de direitos civis quando comparados aos homossexuais. Segundo ela, a discriminação ainda era muito grande mesmo dentro do movimento (o que ela chamava de “transfobia”), e oferecia sua experiência pessoal para corroborar tal fato, alegando que muitas vezes a sua entrada não era aceita em bares homossexuais de Quebec, província canadense onde morava e trabalhava. Montreuil afirmou que os transexuais eram considerados “pessoas em transição” e, no imaginário do movimento, aquelas que “não se decidem”, que estão “em cima do muro”, e, portanto, sua luta não era vista com muita seriedade pela maioria dos homossexuais.

Contudo, dados os movimentos de fusão e fissão entre grupos de *Gays*, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, de acordo com o contexto e as necessidades, os transgêneros ganharam seu espaço e se mantêm como grupo heterogêneo integrante do movimento LGBT canadense. Durante as manifestações públicas, os transgêneros são “diluídos” na “massa” marginalizada socialmente pelas “transgressões” do sexo e do gênero. No interior das preocupações do movimento, os transgêneros são alocados num grupo à parte, o qual, por sua vez, é caracterizado por uma pluralidade de questões de gênero e orientação sexual que não são devidamente contempladas nas lutas e reivindicações do movimento. Nesse contexto, a questão da parentalidade transgênero é relegada a um plano ainda mais distante, como veremos neste artigo.

A lei canadense que permite o registro de dois *parents* independentemente do gênero. No Brasil, na certidão de nascimento de uma criança já pode constar os nomes de duas mães ou de dois pais, no caso de casais homossexuais. Mas o que acontece, então, no Brasil, quando alguém se assume como transexual já sendo pai ou mãe?

Na hipótese de o transexual ter gerado filhos antes de se submeter à operação de troca de sexo, nenhum reflexo pode ocorrer no tocante à situação jurídica dos filhos. Elimar Szaniawski sustenta que o assento de nascimento continuará imutável e a “existência de redesignação de um dos pais não deverá aparecer jamais em qualquer documento do filho”<sup>77</sup>. Essa solução, porém, não pode ser sustentada na hipótese de o genitor, após a cirurgia, vir a obter a alteração de seu nome e de seu *status* sexual. Nesse caso, o registro de nascimento do filho deixará de retratar o vínculo parental, o que poderá trazer-lhe sérios e irremediáveis prejuízos. Permanecendo inalterado o assento de nascimento da prole, haverá a impossibilidade de serem buscados direitos decorrentes da relação de parentesco (Dias, 2000, p.119).

Na matéria publicada no dia 7 de maio de 2012 no jornal baiano *Correio*, sobre o ineditismo do Estado do Rio Grande do Sul em lançar uma “carteira de nome social” que equivale a um RG e na qual travestis e transexuais podem escolher o seu nome, apenas um comentário foi postado, o qual começa da seguinte forma: “Gostaria de perguntar não só às autoridades do RS, mas de todo o Brasil: ‘esses senhores’ que adotam nomes femininos, poderão também gerar filhos?”<sup>8</sup>.

A questão da parentalidade de transexuais ganha cada vez mais visibilidade e novas problematizações. No site de Maria Berenice Dias, encontramos uma recente publicação, de 19 de maio de 2012: “Mestra, ontem lancei mais uma sentença de modificação de registro civil de um transexual masculino para feminino. Detalhe é que o indivíduo foi casado, tem uma filha e ainda não se submeteu à cirurgia. Depois de publicada te mando”<sup>9</sup>.

O que estou querendo dizer é que, apesar de todas as mudanças, o questionamento de Dias (2000) sobre o tema permanece atual: “pode-se taxar de ‘excesso de egoísmo e de vedetismo exibicionista’<sup>10</sup> a pretensão de realizar o sonho da filiação sem abrir mão do direito de buscar a própria identidade?” (p. 120).

### **Parentalidade transgênero ou homoparentalidade? Situando categorias.**

Utilizarei a “parentalidade transgênero” como categoria êmica dos sujeitos entrevistados no Canadá, apesar das discussões levantadas no início do texto sobre a diversidade de manifestações às quais a categoria transgênero pode se referir. Para me referir ao Brasil, utilizarei o neologismo cunhado na produção brasileira sobre o tema, a “homoparentalidade”, que inclui a parentalidade de transexuais e travestis, mas ciente de que travestis e transexuais apresentam especificidades na sua construção iden-

titária e, conseqüentemente, na sua relação de parentalidade” (Zambrano, 2006, p. 128).

Se travestis e transexuais ainda ocupam um espaço marginal na produção acadêmica, o que poderíamos dizer a respeito da sua homoparentalidade? Num país em que se levou dezesseis anos (desde o Projeto de Lei 1.151/95) para aprovação da União Civil Homossexual, que ainda não contempla os homossexuais com todos os direitos dos heterossexuais, o que dizer sobre as famílias e homoparentalidades? Mesmo no que se refere à produção acadêmica antropológica, a atenção foi mais focada nas famílias, conjugalidades e parentalidades de gays e lésbicas (Heilborn, 1992; Mello, 1999; Uziel, 2002; Tarnovski, 2002; Eugênio, 2003; Souza, 2005). Já que no que se refere aos transgêneros e transexuais, como bem coloca Cardozo (2006a; 2006b), a produção acadêmica sobre travestis têm se focado nas ruas, enquanto a autora se propõe a estudar o tema na relação com a casa e a família. Zambrano (2006) em seu artigo “Parentalidades impensáveis: pais/mães, travestis e transexuais” também aborda a tão pouco problematizada questão da parentalidade de travestis e transexuais, incluída no neologismo da “homoparentalidade”, cuja importância Zambrano (2006) comenta: “Ao nomear um tipo de família até então sem nome, permite-se que ela adquira uma existência discursiva, indispensável para indicar uma realidade, possibilitando o seu estudo e, principalmente, sua problematização (De Singly, 2000). Favorece, ao mesmo tempo, a emergência de um campo de luta política onde as demandas de (homo) parentalidade ficam fortalecidas” (p. 128).

Contudo, caberíamos questionar em que medida não seria relevante, tanto do ponto de vista acadêmico quanto político, possibilitar a existência discursiva da parentalidade de travestis e transexuais no Brasil. Essa minha perspectiva deriva da minha experiência com a parentalidade transgênero no Canadá. Ainda que minha intenção não seja sugerir a “importação” de nenhum modelo, acredito que essa reflexão se faz ne-



cessária, a fim de dar visibilidade às especificidades geradas pelas relações das travestis e transexuais brasileiras com a parentalidade, que em muito diferem da parentalidade homossexual.

Os transgêneros canadenses, assim como os brasileiros, ocupam uma posição *in-between*, um campo minado entre os campos já legitimados masculino ou feminino, heterossexual ou homossexual. Considerados pessoas “em transição”<sup>11</sup>, não têm direitos legais ou sociais reconhecidos, e são entendidos como pessoas “que não sabem o que querem”. Nesse diapasão, suas identidades são performatizadas num contexto dos conflitos em que a parentalidade se configura como um dos vetores desses conflitos.

Nesse contexto, com o intuito de dar suporte aos pais GLBT, vários grupos e atividades de apoio para a comunidade LGBT em geral funcionavam dentro ou relacionados ao Centro Comunitário da *Church Street*. Além do *Colage*, para filhos de LGBT, havia: *Gays and Lesbians Parenting Together*, um grupo para *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros que eram *parents* ou queriam se tornar e estavam explorando as opções para tal (adoção, coparentalidade, parentalidade biológica, doação de óvulos ou esperma, barrigas de aluguel); *Rainbow Club*, um clube social que organizava atividades recreativas para *queer parents* e seus filhos; *Queer Mums Family Lunch*, um almoço mensal para mães lésbicas, bissexuais, transsexuais e transgêneros, com espaço recreativo para as crianças; *Dykes Planning Tykes*, um curso para lésbicas e bissexuais que queriam ser mães, sobre os aspectos práticos (como inseminação, adoção e opção por parteiras), emocionais, sociais e legais da parentalidade lésbica; *The Family Resource Centre*, um programa gratuito que funcionava como “berçário” para filhos, de 0 a 6 anos, de *queer parents*. Além disso, o Centro Comunitário promovia acampamentos de verão, viagens e eventos especiais (fóruns, feiras etc.) para famílias de lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais, transgêneros, pessoas *intersex* e *two-spirited*. Planilhas informativas sobre bancos de esperma, contendo nome do banco, endereço, preços, taxa de

entrega, custos extras e comentários também estavam sempre disponíveis no Centro Comunitário, para toda a comunidade interessada.

Publicações e eventos de diversas organizações ofereciam seu respaldo às famílias de LGBT. O *Colage (Children of Lesbian and Gays Everywhere)* mantinha uma publicação periódica, o jornal *Just for us*, o *Alternative Moms* circula o *Mommy Queerest: a journal for Queer Moms and their Families*, cujo download podia ser feito através do *Family Pride Web Site*<sup>12</sup>, a primeira organização virtual para famílias *queer* canadenses. O *LGBT Parenting Network* oferecia um boletim informativo bimestral, o *Pride & Joy*.

Contudo, como veremos, apesar dos recursos supracitados, assim como travestis e transexuais ocupam um lugar marginal e ainda pouco compreendido dentro do movimento LGBT brasileiro e da produção acadêmica, os transgêneros canadenses também pouco se sentiam contemplados pelo movimento ou pela infraestrutura legal, sobretudo no que se refere à parentalidade transgênero.

Loree Cook-Daniels é uma ativista lésbica canadense que adotou a filha biológica de seu companheiro transgênero *FtoM* (feminino para masculino). Neste tipo de arranjo, denominado coparentalidade, geralmente um dos *parents* é um dos genitores da criança e o outro entra com o pedido na justiça para a adoção. Esse procedimento é, em geral, rápido e simples, a menos que o outro genitor (ainda que não faça parte do arranjo de coparentalidade) interfira. Apesar deste recurso de coparentalidade conquistado pelos homossexuais ter sido estendido aos transgêneros, Cook-Daniels (1999) comenta sobre as dificuldades encaradas pelos transgêneros que são *parents*:

Ser um *parent* transgênero é andar diariamente num campo minado. Todos – e digo todos, incluindo outros transgêneros, assim como membros da família, amigos, oficiais de justiça e observadores casuais – são uma fonte potencial de hostilidade, incredulidade e condescendência. É uma vida na

qual você pode simultaneamente ser invisível e terrivelmente, terrivelmente ameaçado; totalmente “comum” e ao mesmo tempo “bizarro”. É exercer a parentalidade do modo com que lésbicas e gays exerceram há vinte ou trinta anos – totalmente sem úteis mapas ou modelos de papéis – mas com alguns desafios adicionais únicos.

[...]

Lembra-se dos dias em que tínhamos que explicar como seria possível que lésbicas fossem mães? Aqueles dias não são passado para *parents* transgêneros. Nós ainda estamos explicando quem somos e como foi possível que tivéssemos filhos<sup>13</sup>.

Tanto Cook-Daniels (1999) quanto os sujeitos envolvidos em minha pesquisa no Canadá sugerem que os *parents* transgêneros canadenses buscam pelo reconhecimento do direito de articularem a parentalidade com a sua orientação de gênero, num contexto social e histórico onde se veem alocados num “não lugar” e lutam por uma ascensão na categoria de sujeito dentro do movimento LGBT, que os considera como pessoas “em cima do muro”, e, concomitantemente, por um lugar reconhecido de parentalidade dentro das estruturas do parentesco.

## O campo

Meu primeiro contato com os transgêneros em Toronto foi durante o Congresso de Humanidades e Ciências Sociais, na sessão *Transgender realities and rights*. Foi interessante ressaltar que levei algum tempo para perceber que a maioria dos ali presentes eram *T-people*. Na verdade eu só pude notar o fato a partir da hora do intervalo, quando tive mais oportunidade de interagir e conversar com os presentes. Alguns eram *Female to Male (FtoM)*, mas a maioria era *Male to Female (MtoF)*.

A mesa de apresentação e discussão era composta por: Professor Barry Adam, da University of Windsor, Allison Comeau, da University of Brunswick, Sky Gilbert, da University of Toronto, Micheline Montreuil, de Quebec, Ben Murray, de Ottawa, e Kimberly Nixon, de Vancouver.

Allison é uma mulher que foi casada com um transgender *MtoF* por 25 anos e tinha cinco filhos com ele. Durante os anos de casamento, Allison apoiou toda a transição do marido, incluindo a cirurgia de redesignação de sexo. Ela participava de um grupo de apoio em Ottawa para familiares de transgêneros. Disse-me que o casamento acabou por vários motivos, tendo sido o *transgenderism* do parceiro apenas um deles, sem ênfase na orientação de gênero do ex-marido. Quando perguntei sobre sua orientação sexual, disse-me que nunca havia pensado nisso. Essa era uma questão para mim, pois algumas pessoas haviam comentado que ser parceiro de um transgênero é algo delicado porque a sua própria identidade passa a ser questionada. Mas não, aparentemente, para Allison.

Kimberly vivia como mulher há dezenove anos (estava à época com 44 anos), e há nove estava envolvida com organizações de mulheres e também com um centro de apoio a vítimas de estupro. Era formada em Educação Física, porém trabalhava há onze anos como piloto de avião. Vivia com seu companheiro e a filha deste, de 6 anos. Disse-me que a menina a considerava como uma “segunda mãe” e ainda não questionava o seu *transgenderism*.

Além das conversas informais com os transgêneros acima citados, tive um contato mais intenso e duradouro com Leslie, Abidel e Cheryl<sup>14</sup>. Conto com três entrevistas gravadas, sendo uma delas da filha adulta de Leslie. As demais informações foram obtidas no contato com os pais transgêneros e suas filhas, em situações diversas de interação informal, durante cinco meses.

Considerando que quase todo contato com Leslie, Abidel, Cheryl e suas respectivas filhas deu-se de forma coletiva, observando a interação

entre os pais, entre as filhas e entre pais e filhas, torna-se difícil para mim, nessa apresentação, separá-los em casos distintos. Dessa forma, a apresentação que segue sobre estas informantes é um reflexo do modo como as conheci, em relações cotidianas e histórias entrelaçadas.

Ainda no dia da mesa redonda sobre *transgenderism* conheci Abidel e Leslie, durante a recepção. Conversei durante aproximadamente três horas com todos os transgêneros durante a ocasião, mas na maior parte do tempo com Abidel, quem pacientemente explicou-me as diferenças entre as possibilidades que o termo transgênero engloba. Depois disso iniciei meus contatos via email com Abidel e Leslie.

Recebi, depois de algum tempo, o primeiro convite para visitá-las. Abidel estava com 40 anos e era caminhoneiro<sup>15</sup>. Não cursou faculdade porque precisava trabalhar para sustentar a família e tinha duas filhas que moravam com a ex-esposa, a qual sempre foi consciente de seu *transgenderism*, mesmo antes de se casarem. Leslie estava aposentada, depois de décadas como pastor protestante, dispensado pela igreja, entre outros motivos, porque as dificuldades de seu casamento se tornaram públicas.

Abidel foi morar com Leslie, aliviando, assim, o problema financeiro desta última, que esperava pela pensão do governo, divorciada e desempregada, aos 62 anos. Leslie fez parte da primeira turma de Ciências Gerais (*General Sciences*) da University of Toronto em 1960 e tinha três filhos: a mais velha, casada e extremamente religiosa, o que implicava em empecilhos para o contato de Leslie com os netos; a filha do meio, com 27 anos, havia saído de casa por volta dos 20 anos e morava com o namorado; e, por fim, o filho mais novo, que nunca aceitou sua transição. Ela jamais se travestiu na presença dos filhos ou da ex-esposa, e assumiu o *transgenderism* permanentemente somente quando já não mais coabitava com eles.

Ainda conheci Cheryl, também transgênero e namorada de Abidel, além de suas respectivas filhas. As duas filhas de Abidel e as duas de

Cheryl rapidamente tornaram-se amigas, não apenas pela questão da faixa etária (que variava entre 7 e 14), bem como pela identificação entre si como filhas de transgêneros. Durante minhas visitas à casa de Leslie e Abidel, as meninas pareciam muito confortáveis com os pais transgêneros. Ouvi-as chamando-os pelo termo *daddy* (papai). E pude notar em várias ocasiões que o “código de conduta” tanto de Abidel quanto de Cheryl, em relação a suas filhas, era o de pai. Contudo, segundo informações de Leslie, Cheryl não apreciava muito a interação das filhas com Leslie e Abidel porque temia que a ex-esposa utilizasse o discurso de um “ambiente ruim” na justiça para separá-la das filhas, das quais recebe visitas quinzenais (bem como Abidel).

Tive ainda a oportunidade de conhecer Dwayne, 56 anos, marceneiro<sup>16</sup>, pai de duas filhas adultas. Assim como Leslie, relatou que o processo de aceitação para suas filhas não foi ameno como está sendo para as filhas de Abidel e Cheryl, que fazem parte de outra geração.

Numa das primeiras ocasiões em que estive com elas, foi interessante sentar à mesa e discutir questões sobre *transgenderism* com Leslie, Abidel e Cheryl. Leslie sempre enfatizou que seu gênero nunca foi masculino e por isso não duvidava de que era uma mulher, já que sempre se sentiu atraída por tudo aquilo que “constitui” o gênero feminino e nunca se sentiu “como homem”. Abidel disse que se sentia como mulher, e por isso acredita que os outros a viam assim, o que despertou a ironia de Cheryl, cujo discurso de gênero estava embasado numa perspectiva biológica e por isso acreditava que nunca nenhuma delas seria reconhecida pela sociedade como mulher, embora esse fosse seu maior desejo. No entanto, alguns meses depois, durante a entrevista gravada, Cheryl apresentou uma perspectiva menos rígida:

Erica – Hum... e como... como você se vê em alguma categoria: transgênero, transexual, mulher... como você se considera?

Cheryl – Bem... Eu não sou classificada como transexual. Hum... meu cérebro é basicamente feminino. Hum... meu corpo é basicamente masculino, mas, como a alteração por hormônios e coisas do tipo, é parcialmente feminino<sup>17</sup>.

Leslie sugeriu, em conversa particular comigo, que Cheryl não aceitava que Abidel se assumisse como mulher (e Abidel estava procurando auxílio psiquiátrico para isso) porque queria um homem ao seu lado. As necessidades de Cheryl pareciam ser incompatíveis com as de Abidel. Na ocasião da entrevista com Cheryl, Abidel já havia terminado sua relação com ela e Cheryl comentou, tentando compreender a incompatibilidade de perspectivas entre elas: “ela quer reafirmar todo o tempo que é uma mulher e... talvez o jeito que você a vê, a sua opinião, não a ajude nesse sentido”<sup>18</sup>.

### Uma questão de gênero? Articulações entre as categorias de pai e “transgênero”

Considerando que Abidel passava a maior parte do tempo trabalhando para garantir seu sustento e ajudar as filhas, meu tempo e meu contato se estreitaram com Leslie. Vários convites surgiram para almoços, jantares e passeios.

Na primeira parte da entrevista, Leslie se emocionou e chorou. Na segunda parte, algum tempo depois, percebi Leslie diferente, mais distante. Alegou que estava cansada, pois havia tido problemas recentes com a ex-esposa, relativos à venda da casa (cuja parte do dinheiro planejava investir na cirurgia de redesignação de sexo, realizada posteriormente, quando eu já havia voltado ao Brasil). Durante nossas conversas informais, nas pausas da entrevista, comentou sobre sua orientação sexual, disse que achava que se considerava heterossexual e que já havia desistido de acreditar que se relacionaria com uma mulher. Ainda que estivesse,

naquele momento, envolvida emocionalmente com uma mulher, o que apenas me relatou posteriormente.

Os discursos dos transgêneros durante o Congresso, bem como o discurso corrente de Leslie, deixam claro que, para eles, o *transgenderism* é uma questão estrita de gênero e independe da orientação sexual ou de práticas sexuais, e que, por isso, sentem-se deslocados na sigla LGBT. No caso dos transgêneros, a relação entre gênero e sexualidade ganha configurações diversas: Kimberly (*MtoF*) tinha um parceiro homem e Micheline (*MtoF*), uma parceira mulher. Leslie queria um parceiro, mas havia cogitado a possibilidade de se envolver com mulheres, ainda que se autoidentificasse como heterossexual. Cheryl e Abidel eram namoradas e ambas, transgêneros *MtoF*.

Leslie ressaltou que, em seu ponto de vista, *transgenderism* trata-se da aceitação de gênero e não da sexualidade. Seu discurso colocava a sexualidade em segundo plano. A dissonância corpo e mente/alma parecia ser crucial para ela, um campo de conflito incessante, que ela esperava ver o fim com a cirurgia. E seu discurso sugeria que a cirurgia acabaria com seu conflito de gênero e, por decorrência, da sexualidade, o que contradizia seu discurso de que gênero e sexualidade são domínios distintos em sua experiência. Leslie esperava que, depois da cirurgia, sua orientação heterossexual se reificasse, porém, envolveu-se em uma relação com outra transgênero *MtoF*.

Ao que se refere às filhas dos transgêneros, eu não dispunha de autorização para entrevistar as filhas de Cheryl e Abidel, todas menores de 16 anos, contudo, felizmente, consegui uma entrevista gravada com Joanna, a filha do meio de Leslie e a única que nunca se opôs à sua transição. E, segundo Leslie, a única que me concederia uma entrevista.

Conheci Joanna e seu namorado num almoço na casa de Leslie e Abidel. Não tivemos oportunidade de conversar muito naquela ocasião, mas foi a chance para me apresentar e estabelecer um contato posterior.



Marcamos uma entrevista num café no centro de Toronto. A entrevista de Joanna sugere a filha de Leslie como uma pessoa que nutre respeito e sensibilidade à questão da diversidade.

Joanna relatou sobre a vida familiar atípica que vivenciou, não somente pela questão do *transgenderism* de seu pai, mas pelo distanciamento emocional com o pai e a mãe, relacionado, sobretudo, à dedicação destes à religiosidade. Quando lhe questionei se “sentia” Leslie como pai, respondeu que não, da mesma maneira que nunca havia sentido sua mãe “como uma mãe”. Ou seja, as dificuldades na relação com seu pai tinham uma história familiar, e não se referiam especificamente à transição de gênero de seu pai.

Tendo notado uma variedade nos termos (*Leslie/dad; she/he*) que Joanna usava para referir-se à Leslie, levantei a questão e obtive a seguinte resposta de Joanna: “Eu não me importo. Eu tento dizer Leslie e ‘ela’ apenas para o seu benefício”<sup>19</sup>. Joanna deixou muito evidente, durante a entrevista, que respeita Leslie e suas opções devido ao seu respeito pelas escolhas dos seres humanos em busca da realização pessoal.

No entanto, a aceitação de Joanna, quanto ao *transgenderism* de seu pai, não era compartilhada por sua mãe. Assim como o movimento LGBT canadense concebia os transgêneros como pessoas “em transição”, “em cima do muro”, a esposa de Leslie também esperava que aquilo fosse apenas uma fase transitória. Essa é a descrição da situação por Joanna: “Minha mãe esperando que meu pai pensasse que era apenas uma fase e parasse e voltasse para ela, e ele, esperando que ela fosse, você entende, apenas aceitar isso e eles pudessem viver juntos com essa, essa... hum, coisa”<sup>20</sup>.

Ao mesmo tempo, Joanna sentia dificuldades em alocar seu pai biológico em alguma categoria específica. Como, no passado, nunca houve um vínculo forte entre eles, nem de paternidade nem de amizade, Joanna, depois da transformação de seu pai, continuava sem uma definição para o lugar que ele ocupava em sua vida:

– Isso é o que ele quer e eu estou apenas tentando... nós nunca tivemos um forte relacionamento pai-filha mesmo, então agora eu quero dizer, eu realmente não o considero parte das minhas amizades femininas, tampouco como meu pai, então...<sup>21</sup>

Erica – Mas quando você telefona para ela ou coisa do tipo, como você chama por ela, “papai”?

Joanna – Eu chamo por Leslie.

E – Leslie?

J - Porque se estou escrevendo emails, às vezes escrevo “oi, pai” ou... hum... se estou no celular, digo “oi, pai”. Se eu estou ligando para a casa da Abidel, então eu chamo por Leslie, porque todas elas a conhecem como Leslie, então eu posso...<sup>22</sup>

Diferentemente da pesquisa de Zambrano (2006) em que transexuais e travestis são chamadas de “mães”, e do caso supracitado de Kimberly, Joanna referia-se a Leslie como “pai”, contextualmente, mais em situações isoladas de contato com o pai ou para se referir a ele em contextos familiares. Entretanto, quando conversava com o pai em contextos nos quais, para ela, a identidade transgênero se sobrepunha, o pai era chamado de Leslie. Da mesma forma, no contexto brasileiro, Cardozo (2006, p. 4) escreve que “nos casos de travestis que têm filhos (biológicos ou adotados): as terminologias com que suas posições são definidas em relação às crianças não são fixas, mas passíveis de renegociações”. Cardozo (2006, p. 3) exemplifica através do caso de Cecília: “Desconfortável com o título de *pai*, pede ao menino que a considere um *irmão*. Entretanto, mesmo a chamando pelo nome de batismo, diante de situações adversas Carlos – o filho biológico dela – evoca a figura do *pai*, referindo-se a Cecília”.

Retornemos ao caso de Leslie. Não é apenas um nome, mas rotula a identidade feminina adotada por Leslie, anteriormente Wayne, por nome de batismo. Também no contexto canadense, o nome feminino

e o pronome pessoal “ela” aparecem como poderosas ferramentas de reconhecimento social de uma identidade feminina<sup>23</sup>.

O caso de Leslie é ainda mais complexo porque envolve questões de religião. Seu *transgenderism* teria sido a “causa” da falência da família, mas não somente por adotar uma relação sexo/gênero que não tinha lugar naquela família, mas porque o *transgenderism* teria sido a causa do seu afastamento do exercício de pastor numa igreja evangélica, já que a moral religiosa era considerada o “pilar” da família. Do ponto de vista da ex-mulher, da filha mais velha e do filho, o afastamento da igreja fez com que a estrutura familiar desmoronasse e, portanto, Leslie havia perdido não somente seu lugar de pai e marido, mas também seu lugar na hierarquia moral e religiosa da família. Dessa forma, não houve necessidade de intervenção judicial, pois os próprios filhos se recusaram a querer contatos futuros com Leslie.

No entanto, a entrevista da filha revela uma outra versão dos fatos: uma família desunida, com pai e mãe ausentes durante toda a sua vida. Para Joanna, o *transgenderism* de Leslie foi apenas o último motivo que precisava para uma família “desestruturada” desmoronar, e ainda podemos perceber que os conflitos e problemas que dissolveram sua família tinham um caráter de problemas típicos de famílias heterossexuais, como pais ausentes, falta de diálogo e de intimidade etc. Em seu relato fica explícito que a orientação de gênero de seu pai foi apenas “mais um motivo”, mas não o cerne dos conflitos que perduravam desde sua infância.

Apesar das dificuldades em “sentir” Leslie como pai, Joanna deixa claro que seu pai era, antes de qualquer coisa, seu pai, e que qualquer “opção” que fizesse, dizia respeito somente à vida dele. E, se tinha mágoas em relação a ele, essas mágoas existiam no mesmo plano em que estavam as mágoas por sua mãe, aquelas surgidas no cotidiano familiar, na ausência de ambos desde sua infância. Dessa forma, o termo utilizado para se referir a ele ou sua opção de gênero em nada afetavam o reconhe-

cimento do seu papel biológico e social de pai. As críticas que Joanna fez à vida que seu pai deu a esse papel em nada se relacionam com sua opção de ser um transgênero. São identidades completamente distintas, ainda que não excludentes.

No caso da relação de Abidel e Cheryl com suas filhas, o *transgenderism* parece ser concebido como uma performance ainda mais dissociável da paternidade. As filhas sempre se referem a eles como “pai” ou “papai”, e assim também eles se autorreferem. Há, entre os transgêneros canadenses, uma imensa dificuldade em “encontrar” um lugar renomeado para um pai de família que muda sua orientação de gênero. Em nenhum dos casos percebi o desejo de um transgênero *MtoF* de ser chamado de mãe ou de ser alocado nessa categoria. Dessa forma, ao menos nos casos entrevistados, esses sujeitos, incluindo Leslie, continuaram a se autodenominar (contextualmente) e serem denominados como “pais”. Perante a justiça, Abidel e Cheryl foram contemplados com todos os direitos e deveres de um pai heterossexual em condições ordinárias de separação. O fato de se autoidentificarem como transgêneros, em outros contextos, não afetava uma outra definição coexistente: a de pais. Tanto para a justiça quanto para as ex-mulheres, para as filhas e para eles mesmos, o *transgenderism* e a paternidade são identidades distintas de uma mesma pessoa. A filha de Leslie procura demonstrar o reconhecimento da sua identidade transgênero em certos contextos chamando-o por seu nome feminino, mas isso não altera as expectativas da paternidade que Leslie sustenta para ela mesma.

## **Associações e dissociações entre sexo, gênero e parentalidade**

Marylin Strathern, no artigo “Necessidade de pais, necessidade de mães”, aponta que o parentesco euro-americano está pautado num “modelo duo-genético de parentalidade” (Strathern, p. 322) que pressupõe sem-

pre um reconhecimento de apenas “dois lados” biológicos de parentalidade, marcados por uma relação assimétrica de gênero: o pai e a mãe. Na ausência do pai e da mãe, entra a/o substituta(o) nas suas várias possibilidades: a mãe de aluguel, a mãe adotiva, a avó, o marido da mãe, o pai adotivo etc. Nesse sentido, o modelo é sempre dual, reduzindo possibilidades práticas múltiplas a um mecanismo conceitual binário. Butler (2003) desenvolve uma discussão muito próxima a essa de Strathern, na qual inclusive cita os trabalhos de Schneider e Strathern, e escreve que, de acordo com a “lei simbólica fundadora e disseminada” da heterossexualidade, “aqueles que entram nos termos do parentesco como não heterossexuais só farão sentido se assumirem o papel de Mãe ou o papel de Pai” (Idem, p. 251)

Para todos os envolvidos, a paternidade é considerada como fato *a priori*, e em segunda instância, o fato de ser transgênero. É um processo semelhante ao que ocorre com as mães lésbicas brasileiras: a mulher que é mãe e se assume como lésbica é concebida, por todos os envolvidos, incluindo ela mesma, primeiro como mãe, e depois como uma mulher envolvida numa relação homossexual. Essa lógica, diante do conflito de identidades, ordena os fatos e situa as identidades. Nesse processo, os conflitos são “resolvidos” situacionalmente quando as duas identidades são colocadas em cena ao mesmo tempo. Não obstante a rigidez das políticas identitárias, no contexto familiar, no discurso dos sujeitos entrevistados as identidades de “mãe” e “pai” sempre prevalecem.

Quando o que está em questão são as relações familiares, o *transgenderism* parece não ter o direito de interferir na identidade de “pai” porque é entendido como “escolha” dos atores sociais e, portanto, relegado a um segundo plano, enquanto a paternidade biológica, indiscutível, estaria em primeiro plano. No entanto, a relação entre a paternidade biológica e o *transgenderism* exige do sujeito uma articulação de suas identidades de pai e transgênero. O que, no entanto, não se dá no caso

da parentalidade das travestis e transexuais brasileiras: “Nas famílias em que um dos componentes é travesti ou transexual, a divisão dos papéis parentais é mais definida e parece se dar de acordo com o sexo/gênero de ‘escolha’ de cada um: mulheres transexuais e travestis são consideradas mães e seus companheiros, pais” (Zambrano, 2006, p. 136).

Já nos casos canadenses, as expectativas para a parentalidade não estão calcadas no “sexo/gênero de ‘escolha’”, mas aponta para primazia do referencial biológico nas relações de parentesco. Na cultura americana, segundo Schneider (1968), o parentesco é biologia. Qualquer alteração científica no campo biológico pode alterar as relações de parentesco, mas a recíproca não é verdadeira. “O parentesco não é uma teoria sobre a biologia, mas a biologia serve para formular uma teoria do parentesco”<sup>24</sup> (Schneider, 1968, p. 115). O sistema de construção dos fatos culturais, segundo Schneider, existe numa relação de (re)ajuste com os fatos biológicos. Ainda que os “fatos biológicos” sejam questionados e problematizados pela literatura antropológica (a exemplo de Moore, 1997), ou seja, o corpo “pré-discursivo”, não podemos perder de vista que “(o)s euro-americanos por outro lado tomam a diferença de gênero, como os papéis fisiológicos que reúnem na noção de concepção, como anteriores.” (Strathern, 1995, p. 327) Resumindo, refiro-me às “tradicionais suposições euro-americanas sobre a relação entre cultura e natureza, acima de tudo a compreensão do parentesco como construção social de fatos naturais.” (Strathern, 1995, p.316)

Acredito que o que nos cabe questionar aqui são os novos sentidos e práticas de paternidade que essa configuração específica, propiciada pela articulação entre as identidades de pai e transgênero, gera e operacionaliza.

Contudo, há um outro dado que complexifica a análise. No contexto canadense, o *transgenderism* é uma identidade “em transição” e, portanto, espera-se alguma estabilidade em algum momento. Cheryl é o único

transgênero que conheci que não acredita que um dia possa “se tornar uma mulher” e assume, por opção, um gênero *in-between* que é renegado pela grande maioria dos transgêneros, sobretudo devido à pressão que sofrem (mesmo do movimento) por uma “definição de gênero”:

Erica – Você acha que elas [as filhas] entendem isso [o *transgenderism*], essa atitude?

Cheryl – Hum... eu acho... elas meio que aceitam, não entendem isso. Hum... elas ficam ansiosas em serem vistas em público. Realmente, bem, particularmente minha filha mais velha, a mais nova não liga muito. Hum... mas serem vistas em público depende de como eu me apresento... que... elas podem ficar envergonhadas por isso.

E – Então você acha que elas não se sentem confortáveis se você é mais feminina quando vocês saem juntas?

C – Hum, sim. Eu não sei, a preferência dela seria que eu tentasse ser o mais macho possível.

E – Seria mais fácil para elas?

C – Minha preferência natural é parecer como pareço, o que é bem *in-between*. Hum... é possível que se eu tentar parecer completamente feminina pode de fato funcionar melhor para elas, porque em alguns experimentos recentes e tentando parecer mais completamente feminina, eu pareço chamar menos atenção. Hum... como normalmente pareço mais *in-between*, eu atraio muito mais atenção<sup>25</sup>.

E – E sobre a coisa do *in-between*, você encara alguns problemas entre os transgêneros?

C – Hum... que eu acho que deveria tentar ser mais feminina?

E – Sim.

C – Oh, sim, da Leslie (risos).

E – Um certo tipo de pressão?

C – Da Abidel, da... hum, sim, consideravelmente. Não de todo mundo, mas de muita gente. E é... sério, eu me sinto engraçada quando tento parecer mulher, porque eu não sou.

Dessa forma, suas posicionalidades sugerem movimento, processo inacabado. Nesse movimento, as únicas categorias que se mantêm fixas e estáveis são as de “mãe” e de “pai”, tanto biológica quanto socialmente. As orientações sexuais e o *transgenderism* desses atores são alocados num segundo plano<sup>26</sup>, de caráter supostamente transitório e, portanto, sem um nome que defina esses novos sujeitos nas relações sociais e de parentesco. “O perigo está nos estados de transição, simplesmente porque a transição não é nem um estado nem o seguinte, é indefinível” (Douglas, 1976, p. 119). E, diante do “perigo”, a identidade “estável” de pai se sobrepõe à de transgênero (ainda que esta não seja ignorada).

No Brasil, segundo Zambrano (2006), as travestis e transexuais sustentam um discurso de possuidoras de um “instinto materno”, representando a paternidade como biológica (esperma, hormônios) e a maternidade como socialmente construída, possibilitada devido a uma “essência” feminina das travestis e transexuais. Essa lógica promove uma ruptura no pensamento ocidental que associa o “instinto materno” ao *sexo* feminino, ou seja, a maternidade ao biológico e à paternidade ao social (Strathern, 1995). A “essência feminina” estaria no gênero, não no sexo, o que rompe, em certa medida, com o modelo tradicional, mas sustenta a associação da maternidade ao gênero feminino. De toda forma, a maternidade permanece vinculada ao feminino. Já na pesquisa de Cardozo (2006b), voltando ao exemplo de Cecília, a paternidade também aparece como uma “essência”, mas não associado ao sexo masculino, ao biológico referindo-se ao sexo (esperma, hormônios), e sim à consanguinidade: “E, embora saliente discursivamente uma dificuldade em aceitar a paternidade, supõe uma concepção naturalizada de amor de



pai, a exemplo do amor materno (Badinter, 1985). Sob tal perspectiva, a não assunção total da identidade social paterna não anularia o amor que o progenitor teria por seu rebento, sangue de seu sangue.” (Idem, p. 3).

Enquanto a maternidade aparece como social, associada ao *gênero* feminino. No entanto, esse caráter social é reduzido ao discurso da “essência”. A paternidade, por sua vez, de uma forma ou de outra, vincula-se ao biológico (esperma, hormônios, sangue). No entanto, ainda no Brasil, Cardozo conclui que “não só o gênero é *performativizado* (Butler, 2003), como também a posição na organização e na estrutura de parentesco o é” (Cardozo, 2006b, p. 4).

No contexto canadense, a maternidade foi citada por apenas um dos transgêneros envolvidos na pesquisa, que não era um pai biológico. Dessa forma, nos casos em que o transgênero é o genitor, a paternidade enquanto fato biológico e social é priorizada. Nesse contexto, assim como o gênero, a paternidade aparece como um elemento com o qual os transgêneros têm que lidar performaticamente, negociando-a de acordo com o contexto e com os sujeitos envolvidos, no caso, na relação com os filhos.

Neste sentido, cabe-nos então refletir sobre os diferentes caminhos pelos quais os pais transgêneros, transexuais ou travestis<sup>27</sup> performatizam a parentalidade na sua relação com o gênero, numa negociação entre maternidades, paternidades e gênero que se define de acordo com cada caso e cada contexto, vivenciando práticas que não têm nome nem lugar socialmente reconhecidos na organização simbólica e social da parentalidade no pensamento ocidental. Assim como Leslie precisa negociar sua paternidade, as travestis e transexuais brasileiras consideradas mães (Zambrano, 2006) certamente também têm que negociar essa maternidade. Nesse sentido, a existência discursiva das parentalidades transgênero, travesti e transexual pode abrir portas para o reconhecimento das suas especificidades, da sua diversidade de manifestações e dos diversos caminhos possíveis de se exercer *a parentalidade na sua relação com as performances de gênero*.

## Notas

- <sup>1</sup> SOUZA, Érica R. 2005 *Necessidade de filhos: maternidade, família e (homo)sexualidade*, Campinas, tese, UNICAMP, 242. A pesquisa foi financiada pela FAPESP, no Brasil e no Canadá. Aprovada pelo Comitê de Ética da York University no que se refere ao campo no Canadá.
- <sup>2</sup> Todas as categorias êmicas estão em itálico. A maioria delas estão traduzidas no texto, mas algumas não foram traduzidas pela dificuldade em achar um termo equivalente em português, além da dificuldade em se traduzir termos com significados específicos da língua inglesa, como *transgenderism* enquanto movimento social referente ao orgulho transgênero, também utilizado pelos sujeitos envolvidos para se referir a um processo, a uma vasta possibilidade de “estados” de gênero ou mesmo ao sentimento de dissociação entre sexo e gênero.
- <sup>3</sup> No Brasil, em 2008, durante a *1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais*, foi decidida a alteração da sigla GLBT para LGBT, tanto pelo movimento quanto pelo governo, a fim de contemplar a reivindicação das lésbicas e seguir a tendência internacional.
- <sup>4</sup> *Two-spirited* é uma categoria das sociedades nativas canadenses para se referirem àqueles que transitam de um gênero a outro ou de uma orientação sexual a outra, incluindo o travestismo ou não.
- <sup>5</sup> Da mesma forma em que Jayme (2001) identificou esse uso do termo transgênero nos textos internacionais.
- <sup>6</sup> Palestra proferida por Montreuil, a qual tive a oportunidade de assistir, durante a sessão “Transgender realities and rights: on campus and off”, *Congress of the Social Sciences and Humanities*, University of Toronto, Toronto, Canada, 25 maio – 1º jun. 2002.
- <sup>7</sup> Szaniawski citada por Dias, 2000, pp. 138.
- <sup>8</sup> Disponível em <http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-1/artigo/travestis-do-rio-grande-do-sul-ganham-direito-de-ter-rg-feminino-1/>. Acesso em 25 jun. 2012.
- <sup>9</sup> Disponível em <http://www.mariaberenice.com.br/pt/mensagens.tool>. Acesso em 25 jun. 2012.
- <sup>10</sup> Szaniawski citada por Dias, 2000, pp. 155.
- <sup>11</sup> Segundo a advogada Micheline Montreuil, transgênero *MtoF*, durante a sessão “Transgender realities and rights: on campus and off”, *Congress of the Social Sciences*

*and Humanities*, University of Toronto, Toronto, Canada, 25 maio – 1º jun. 2002. Ver também Cook-Daniels (1999).

- <sup>12</sup> Website [www.familypride.uwo.ca](http://www.familypride.uwo.ca). Acessado em 02 jan. 2005. Atualmente as referências dos materiais produzidos pela organização podem ser localizadas em <http://www.uwo.ca/pridelib/site/Collections/Subject%20Collections1/Family%20Pride%20Collection.html>. Acessado em 20 dez. 2013.
- <sup>13</sup> “To be a transgendered parent is to walk a minefield daily. Everyone – and I mean everyone, including other transgendered persons as well as family members, friends, court officials, and casual observers – is a potential source of hostility, incredulity, and condescension. It’s a life where you can simultaneously be completely invisible and terribly, terribly threatening; totally ‘ordinary’ and thoroughly ‘bizarre’. It’s parenting the way lesbians and gay men parented 20 or 30 years ago – largely without useful maps and role models – but with some unique additional challenges. [...] Remember the days when we had to explain how lesbians could possibly be mothers? Those days aren’t past for transgendered parents. We are still explaining who are we and how in the world we came to have children”.
- <sup>14</sup> O nome de todos os transgêneros entrevistados são verdadeiros, por solicitação dos mesmos, quando por mim informados sobre a possibilidade do uso de pseudônimos na pesquisa. Quanto às informações obtidas durante a mesa redonda sobre *transgenderism*, os nomes também são verdadeiros por se tratar de uma apresentação pública. O mesmo procedimento foi utilizado na minha tese.
- <sup>15</sup> Referir-me-ei a Leslie sempre no gênero feminino porque é uma transgênero *full-time*, ou seja, assumiu o gênero feminino permanentemente. Já Abidel varia entre a performance do gênero masculino e do feminino, dependendo do contexto. No caso escrevi “caminhoneiro” porque tenho informações de que, no trabalho, Abidel performatiza mais o masculino, sobretudo no vestuário.
- <sup>16</sup> Dwayne preferia ser identificado por seu nome de origem, masculino, por isso mantive sua profissão também no masculino.
- <sup>17</sup> E – Uh... and how do.... do you think you feature yourself in any category: transgender, transsexual, a woman... how do you consider yourself?  
C – Well.... I’m not classified as a transsexual. Uh.... my brain is basically female. Uh....my body is basically male, however with the alteration of some hormones and such, it’s partially female.
- <sup>18</sup> “She wants to reaffirm to be all the time she is a woman and.... maybe the way you see her, your opinion, doesn’t help her in this way”.

- <sup>19</sup> “I don’t care. I try to say Leslie and “she/her” only for her benefit”.
- <sup>20</sup> “My mom hoping my dad would think it is just a phase and stop doing it and come back to her and him hoping that she would, you know, just accept it and they could live together with this, this... uh, thing”.
- <sup>21</sup> “This is what he wants and I’m just trying to... we never had a strong father-daughter relationship anyway, so now I mean I don’t really consider him part of my girlfriends but also not really my dad either, so...”
- <sup>22</sup> E - But when you call her or whatever, how do you call her, ‘daddy’?/ J - I ask for Leslie/ E - Leslie?/ J - ‘Cause if I’m writing e-mails sometimes I write ‘hi dad’ or... uh... if I’m calling cell phone I will say ‘hi dad’. If I am calling Abdel’s house so I ask for Leslie, because they all know her as Leslie so I can...
- <sup>23</sup> Em seu depoimento, Cheryl comenta, sobre a ex-exposa: “a única área onde eu realmente tenho problemas [com ela] é... ela se recusa a aceitar meu nome de todo jeito. Ela sempre se refere a mim por meu antigo nome masculino.” / “the one area where I do have some problems is... she refuses to accept my name at all. She always refers to me by my old male name”.
- <sup>24</sup> Tradução livre. “Kinship is *not* a theory about biology; but biology serves to formulate a theory about kinship”.
- <sup>25</sup> “E – Do you think they understand it, the attitude? / C – Uh.... I guess.... they sort of accept it, they don’t understand it. Uh.... they are anxious about being seen in public. Really, well, particularly my older daughter, the under daughter doesn’t care much. Uh, but being seen in public depending on how I look.... that..... like they can be shy about that. / E – So you think they don’t feel comfortable if you’re more female when you go out together? / C – Uh, yeah. I don’t know, like their preference would be that I tried look to be as male as possible. / E – Would be easier for them? / C – My natural preference is to look the way I look, which is pretty much in between. Uh.... it’s possible if I try to look completely female it might actually work out better for them, because in doing some experiments just recently and trying to look more completely female I seem to get less attention. Uh... as I normally look that is more in between, I get a lot more attention. E – And about the in-between thing, do you face some problems because of this among T-people?/ C – Uh..... that I think I should try to be more female? / E – Yeah. / C – Oh, yeah, from Leslie (laughter) / E – Kind of pressure? / C – From Abdel, from..... uh, yeah, quite a bit. Not from all, but from a lot. And it’s.... serious, I just feel funny when I set myself ‘cause I’m not.

- <sup>26</sup> Da mesma forma em que Cardozo (2006a), ao comentar sobre a travesti que abandonou a prostituição depois de adotar uma criança, faz referência à pesquisa de Tarnowski (2004) de “que a identidade de pai se sobrepõe à de homossexual”.(p.60).
- <sup>27</sup> Considerando a diversidades de usos dessas categorias no Brasil e no Canadá, optei por manter essa separação na conclusão.

## Referências bibliográficas

BADINTER, Elizabeth

1985 *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BUTLER, Judith

2008 *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2ª.ed.

2003 “O parentesco é sempre tido como heterossexual?”. In *Cadernos Pagu*, Campinas, n.21, pp. 219-260.

1992 “Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault”. In: BENHABIB, S. & CORNELL, D. (coord.) *O feminismo como crítica da modernidade*, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.

CARDOZO, Fernanda

2006a *Parentesco e parentalidades de travestis em Florianópolis/SC*. Florianópolis, monografia, UFSC, 2006, pp. 123.

2006b “Sobre afetividades e crianças: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC”. In *Sexualidade: gênero e sociedade*, v. XIII, n. 27, pp. 1-6.

2007 “Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC”. In GROSSI, M.; UZIEL, Anna P. & MELLO, L. (orgs.) *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*, Rio de Janeiro, Garamond.

CHODOROW, Nancy

1979 “Estrutura familiar e personalidade feminina”. In: ROSALDO, Michelle Z. & LAMPHERE, Louise (eds.) *A mulher, a cultura e a sociedade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

- COLLIER, Jane F. & YANAGISAKO, Sylvia J. (eds.)  
1987 *Gender and kinship*. Stanford, Stanford Univ. Press.
- DIAS, Maria Berenice  
2000 *União Homossexual: o preconceito & a justiça*. Porto Alegre, Livraria do Advogado.  
2003 *Homoafetividade: o que diz a justiça*. Porto Alegre, Livraria do Advogado.
- DOUGLAS, Mary  
1976 *Pureza e perigo*. São Paulo, Perspectiva.
- EUGÊNIO, Fernanda  
2003 “De mães, pais e filhos: discursos e reivindicações da homoparentalidade”. Paper apresentado na *V Reunião de Antropologia do Mercosul*, Florianópolis, 30 nov. a 3 dez. 2003.
- FACCHINI, Regina.  
2003 “Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico”. In *Cadernos AEL*, Campinas, v.10, n.18-19.
- FIGUEIREDO, Luiz C. B.  
2003 *Adoção para Homossexuais*. Curitiba, Juruá.
- FRY, Peter  
1992 *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar.
- GINSBERG, Faye & RAPP, Rayna  
1991 “The politics of reproduction”. In *Annual Reviews in Anthropology*, v. 20, pp. 311-343.
- GOLDANI, Ana Maria  
1994 “As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas”. In *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, pp. 7-22.
- GUTIÉRREZ, Ramón  
1987 “Response to Schneider’s ‘The Power of Culture’”. In *Cultural Anthropology*, v. 12, n. 2, pp. 278-281.

- HEILBORN, Maria Luiza  
1992 *Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro, tese, UFRJ.
- HÉRITIER, Françoise  
1989 “Família”. In *Enciclopédia Einaudi*, v. 20.
- JAYME, J. G.  
2001 *Travestis, transformistas, drag queens, transexuais: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*. Campinas, tese, Unicamp.
- LAQUEUR, Thomas  
2001 *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- MacRAE, Edward  
1990 *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas, Editora da Unicamp.
- MELLO, Luiz  
1999 *Família no Brasil dos anos 90 – um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual*. Brasília, tese, UnB.
- MOORE, Henrietta Moore  
1997 “Understanding sex and gender”. In INGOLD, T. (org.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, London, Routledge.
- PELÚCIO, Larissa  
2004 “Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo”. In *Revista Antropológicas*, Recife/PE, v. 15, n. 1, pp. 123-154.
- POLLACK, Jill S.  
1995 *Lesbian & gay families: redefining parenting in America*. New York, Franklin Watts.

RICH, Adrienne.

1980 "Compulsory heterosexuality and lesbian existence". In *Signs*, v. 5, n. 4, pp. 631-660.

1986 *Of Woman Born: motherhood as experience and institution*. New York/London, W. W. Norton & Company.

RUBIN, Gayle

1984 "Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality". In VANCE, Carole (ed.), *Pleasure and Danger*, Routledge & Kegan, Paul.

SARTI, Cynthia Andersen.

1994 "A família como ordem moral". In *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, pp. 46-53.

SCHNEIDER, David M.

1968 *American kinship: a cultural account*. Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall.

1997 "The power of culture: notes on some aspects of gay and lesbian kinship in America Today". In *Cultural Anthropology*, v. 12, n. 2, pp. 270-278.

SCOTT, Joan W.

1988 *Gender and the politics of History*. New York, Columbia Univ. Press.

SOUZA, Érica R.

2005 *Necessidade de filhos: maternidade, família e (homo)sexualidade*. Campinas, tese, Unicamp, pp. 242.

STRATHERN, Marilyn

1995 "Necessidade de Pais, Necessidade de Mães". In *Revista de Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, pp. 303-329.

1997 "Dear David... (carta)". In *Cultural Anthropology*, v. 12, n. 2, pp. 281-282.

2006 *O Gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas, Ed. Unicamp.

1992 *Reproducing the future: essays on anthropology, kinship and the new reproductive technologies*. Manchester, Manchester Univ. Press.

TARNOVSKI, Flávio L.

2002 "Pais assumidos": *adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Florianópolis, dissertação, UFSC.



UZIEL, Anna Paula

2002 *Família e Homossexualidade: velhas questões, novos problemas*. Campinas, tese, Unicamp.

VENCATO, Anna Paula

2002 *Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, dissertação, UFSC.

2003 “Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros”. In *Cadernos AEL*, Campinas, v. 10, n. 18-19.

ZAMBRANO, Elizabeth

2006 “Parentalidades ‘impensáveis’: pais/mães homossexuais, travestis e transsexuais”. In *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 12, n. 26, pp. 123-147.

ABSTRACT: This article presents a discussion of the category transgender, particularly in the Canadian context, in order to discuss the issue of transgender parenting in Canada and travestite and transexual parenting in Brazil. Based on field data, the focus lies on Canadian transgenders who are dealing with social and cultural constraints to their affective, familial, parental and sexual manifestations, analysing these practices in a dialogue with the Brazilian homoparenting scenario. I question to what extent would not be also relevant in Brazil, both in terms of academic and political discourse, allowing the discursive existence of transexual and transvestite parenting beyond homoparenting. Finally, I analyze the conceptions of fatherhood that underlie these practices, seeking to understand to what extent they reconfigure representations of Western thought by performing parenting in relation to gender.

KEYWORDS: Transgenders, Transexuals, Transvestites, Parenting, Motherhood, Fatherhood.

Recebido em novembro de 2011. Aceito em agosto de 2012.